

Aspectos de cultivo e mercado das tilápias Nilóticas no Brasil

Sergio Zimmermann*

* - Sergio Zimmermann (sergio@plugin.com.br) é Engenheiro Agrônomo e Mestre em Zootecnia e Aqüicultura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Associado a diversas universidades no Brasil e na Noruega, onde é consultor na área de aqüicultura desde 1985. Tem trabalhos apresentados em mais de 100 eventos científicos e projetos de cultivo de tilápias e camarões em 25 países em todos os continentes. Proprietário das empresas VegaFish (Suécia), Florida Aquagroup (EU A), e Biofloc Storvik (Noruega e México) e presta consultorias técnicas a partir de sua empresa Zimmermann do Aqua Solutions, Sunndalsøra, Noruega. <http://www.linkedin.com/in/sergiozimmermann>

Resumo

Apesar de ser cultivada há cerca de 45 anos, a tilapicultura brasileira se desenvolveu somente nos últimos 25 anos. No início, a espécie era desconhecida e até rejeitada por alguns mercados. As duas primeiras décadas de crescimento lento foram graças à explosão dos “pesque-pague”, porém, a partir da metade dos anos 90, acabou seguindo um modelo muito semelhante ao da integração vertical avícola, e hoje pode ser considerada um grande sucesso. Há mais de 25 anos é a espécie aquícola mais cultivada no Brasil, presente em todos os Estados e regiões, e é a atividade zootécnica de maior expansão da atualidade e, provavelmente, das próximas décadas.

A tilápia Nilótica apresenta características zootécnicas superiores à maioria das espécies aquáticas: velocidade de ganho de peso, sobrevivência, resistência às doenças, além de possuir uma carne de qualidade superior com poucas espinhas, o que facilita o trabalho de filetagem e sua aceitação no mercado.

Introdução

O cultivo de tilápias no Brasil saiu de uma posição de quase inexistência no início dos anos 90, para um forte e constante crescimento de dois dígitos na segunda metade da mesma década, principalmente devido aos grandes avanços tecnológicos que levaram à redução da conversão alimentar, mortalidade e da idade de abate.

A história do cultivo da tilápia-do-Nilo no Brasil teve início com a importação do estoque fundador em 1971, em Pentecostes, no DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas), e um número muito pequeno de animais sobreviventes desta longa viagem da Costa do Marfim acabou sendo responsável por uma produção anual de cerca de 10 mil toneladas duas décadas mais tarde (início dos anos 1990). Até esta marca ser atingida, o mercado desconhecia a tilápia. Em São Paulo por exemplo, principal mercado do país, a tilápia era sinônimo de “peixe de última classe, oriundo de represas poluídas”, com “gosto de lodo ou querosene”.

A fase de crescimento acelerado do final dos anos 90 foi impulsionada em grande parte pelo desenvolvimento das tecnologias de cultivo, e pela introdução, em 1996, de uma linhagem genética de alta performance proveniente da Tailândia. O Oeste do Paraná foi o epicentro desta explosão que,

num segundo momento, foi alavancada por um sistema de integrações verticais entre pequenos e médios produtores-processadores-distribuidores, e continua até os dias de hoje, com taxas anuais de crescimento superando os 20%. Algumas integrações verticais desta região se preparam para adotar novas técnicas de cultivo, como o sistema de bioflocos.

A cadeia produtiva vem se organizando nas últimas duas décadas, em praticamente todo o país, a exceção da região Norte, onde a tilápia é utilizada como espécie forrageira para pescados carnívoros nativos, como o pirarucu. Existe uma significativa profissionalização da atividade nos últimos anos, desde a qualidade e disponibilidade de alevinos, melhoramento genético, rações mais específicas e eficientes, equipamentos, automatização, processamento, transporte e sistemas de cultivo. Apesar dessa grande evolução, existem ainda uma série de oportunidades de otimizar uma série de aspectos da cadeia produtiva, como o uso de sistemas de cultivos mais avançados e sustentáveis.

A tilápia Nilótica é atualmente a espécie aquática mais cultivada no Brasil, e, apesar de proibida em vários estados, é produzida em praticamente todos os rincões. Os dados estatísticos variam muito. Dependendo da fonte consultada, a produção brasileira de tilápias está no amplo intervalo entre 200 e 380 mil toneladas (42-62% do total dos peixes cultivados). Existem muito poucas publicações e dados sobre o mercado Brasileiro de tilápias. A presente revisão é resultado de um estudo para uma empresa privada e que teve o objetivo de levantar dados sobre o cultivo de tilápias sob a ótica do mercado de rações.

Metodologia

O presente estudo foi realizado de março de 2014 a fevereiro de 2015, com a coleta direta de dados de campo, e revisão da literatura disponível, e, para fins comparativos, utilizou-se as fontes oficiais disponíveis (FAO, IBAMA, MPA e IBGE).

Foram mobilizadas um total de 40 pessoas ligadas aos produtores de tilápias em todo o país, a maioria delas vendedores, representantes comerciais, distribuidores de ração e extensionistas rurais.

Os dados foram coletados a partir de 20 viagens aos principais polos de cultivo (ou “clusters”) de tilápia onde foram entrevistados os principais produtores, as associações de

produtores, cooperativas, e demais empresas ligadas a cadeia produtiva, em especial os representantes e distribuidores de equipamentos, rações, materiais de consumo como redes, reagentes de análises de água, empresas ou indivíduos transportadores de peixes, empresas compradoras, distribuidoras e processadoras de pescado cultivado e os mercados locais onde o pescado é comercializado.

Os polos ou “clusters” de cultivo foram escolhidos conforme a distribuição do volume de vendas de rações específicas para tilápias (Figura 1).



Figura 1. Divisão dos principais polos aquícolas do Brasil considerando volume de vendas de ração específica para tilápia

Resultados e discussão

Os vinte clusters e sua estimativa de produção de tilápias para 2008, 2011 e 2014 são apresentados na tabela 1. Os clusters números 1 a 4 incluem outras espécies de peixes nativos carnívoros alimentados com alevinos e juvenis de tilápias nas fases iniciais. O Polo de número 20 inclui 15.000 toneladas de carpas e jundiás.

Tabela 1. Produção de tilápia nos principais polos aquícolas do Brasil considerando volume de vendas de ração específica para tilápia

N.	Polo	Produção Anual (toneladas)		
		2008	2011	2014
1	Roraima	500	5.600	10.660
2	Pará e Amapá	500	1.500	2.550
3	Amazonas	1.000	4.000	8.000
4	Rondônia e Acre	1.000	6.400	20.000
5	Maranhão e Piauí	500	2.550	4.600
6	Ceará (Castanhão, Costa) e Rio Grande do Norte	20.000	22.000	28.000
7	Paraíba (Coremas) e Pernambuco	2.000	2.000	4.500
8	Bahia Norte (Paulo Afonso) + Baixo S. Francisco (AL+SE)	8.000	14.500	20.000
9	Bahia Sul, Espírito Santo e Rio de Janeiro	500	2.550	3.600
10	Goiás e Tocantins (Central e Sul)	1.000	15.200	37.300
11	Mato Grosso (MT)	2.500	11.700	22.900
12	Mato Grosso do Sul (MS)	3.800	4.200	5.450
13	Minas Gerais Central (Três Marias)	1.200	5.400	12.650
14	Minas Gerais Sul/Oeste (Furnas e Triângulo Mineiro)	3.450	9.650	15.000
15	São Paulo Oeste (Ilha Solteira)	8.000	10.500	28.000
16	São Paulo Central (Promiss/N.Avanh + Baixo Tietê)	5.000	6.000	6.500
17	São Paulo Sudeste e Paraná Norte	6.000	14.350	22.800
18	Paraná Oeste/Sul e Santa Catarina Oeste	11.100	11.600	52.000
19	Santa Catarina (Litoral e Itajaí)	12.200	16.500	22.800
20	Rio Grande do Sul	22.500	35.300	45.000
TOTAL		110.750	201.500	372.310

Para cada cluster foi realizado relatório que descrevia a situação geral dos cultivos. Por exemplo, os polos 13 e 14, no Estado de Minas Gerais, podem ser visualizados na figura 2 e tiveram as seguintes considerações resumidas:

Polo 13: Minas Gerais Central (Três Marias)

Em Três Marias, a totalidade das 12.650 toneladas produzidas em 2014 eram com o crescimento final em gaiolas, e o nível de tecnologia é medianamente elevado, fazendo uso intenso de rações mais caras que a média dos clusters brasileiros.

Polo 14: Minas Gerais Sul/Oeste (Furnas e Triângulo Mineiro)

Em Furnas os cultivos são igualmente de tilápias em gaiolas, mas o reservatório é um dos poucos do país que encontra-se em crescimento não muito acelerado, cerca de 4-5% ao ano, e faz uso de rações mais econômicas (preços mais baixos). No Triângulo Mineiro, por outro lado, as 5.000 toneladas em cultivo estão, em sua grande maioria, em viveiros escavados (rústicos), e utilizam um nível de tecnologia e consumo de alimentos mais baixos.



Figura 2. Exemplos de destaque nos principais polos produtores de pescado no Brasil

Os resultados encontrados neste estudo e apresentados na tabela 1 foram muito distintos das estatísticas disponíveis (FAO, IBAMA, MPA e IBGE), provavelmente pela metodologia utilizada de cruzamento de dados (mais subjetiva), ao invés da coleta e tabulação de dados diretamente com os produtores dos demais estudos.

Outros estudos igualmente estimam nos últimos 25 anos crescimentos anuais superiores a 20% para a produção de tilápias no Brasil. A atual produção nacional ainda em 2012 já era superior a 60% do total de tilápias produzidos em todas as Américas (Inocap, 2014), ultrapassando, em quase o dobro, a soma dos principais exportadores de filé fresco de tilápia para o mercado Norte-americano (México, Honduras, Costa Rica, Equador e Colômbia).

Americas tilapia harvest vol. 2012 - ton			
Americas	520 000	100 %	100 %
Brasil	318 000	61 %	97 %
Colombia	55 000	11 %	
Mexico	50 000	10 %	
Ecuador	17 000	3 %	
Honduras	30 000	6 %	
Costa Rica	23 355	4 %	
El Salvador	4 100	1 %	
Peru	3 174	1 %	
Panama	3 000	1 %	

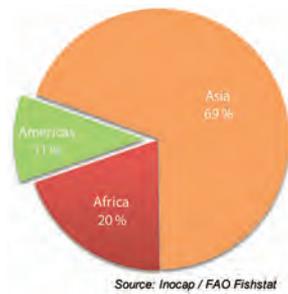


Figura 3. Produção de tilápia nas Américas em 2012, em toneladas e participação das Américas na produção mundial de tilápia

Estas 200 a 300 mil toneladas de peixe inteiro correspondem a cerca de 70-100 mil toneladas de filés. O rendimento de filés é em média de 32-37% do total, mas pode chegar aos 42% quando se faz o reaproveitamento de carcaças. Este volume foi praticamente todo absorvido pelo mercado interno (0,5 kg de filés/brasileiro/ano), e é comercializado praticamente sem maiores esforços de marketing. Portanto, estes números deverão melhorar por pelo menos duas décadas a mais. A figura 4 mostra a evolução do mercado de tilápias no Brasil desde 1980 até os dias de hoje.



Figura 4. Evolução do mercado de tilápia no Brasil 1908-2016 (* - estimativa, utilizando-se o volume de venda de rações para tilápias e um FCA médio de 1,65:1), em toneladas/ano

O presente estudo constatou que os cultivos de tilápia vêm passando por um processo de intensificação no Brasil, e a área cultivada é praticamente a mesma de cinco anos atrás, à exceção de novas áreas (parques aquícolas) para o cultivo em gaiolas em águas públicas. Tecnologias avançadas de cultivo como o sistema de bioflocos vem sendo introduzidas aos poucos na tilapicultura comercial. Um exemplo de sucesso é a adição de tilápias em bioflocos em conjunto com o cultivo de camarões, praticado na empresa Camanor (figura 5).

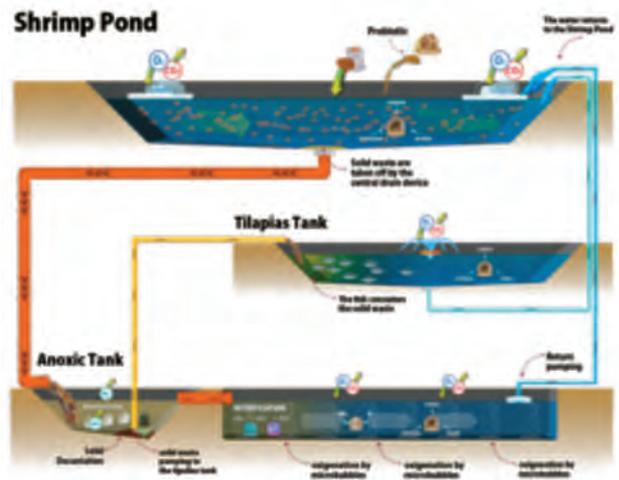


Figura 5. Criação de tilápia em bioflocos em conjunto com camarão. Fonte: Camanor (2015)

Apesar de ainda produzirmos muito pouco quando comparados aos principais produtores mundiais de tilápias (cerca de 7% do total mundial), o Brasil é um dos poucos países do mundo onde a tilápia é a principal espécie cultivada, e hoje exportamos uma série de tecnologias de cultivo que servem

de modelo aos principais produtores mundiais. Os sistemas de "self-containment" ou de circuito fechado (RAS) são hoje uma tendência global de sustentabilidade, inclusive na salmônica chilena e norueguesa. O governo brasileiro vem apoiando a expansão dos cultivos em gaiolas (águas públicas), onde os riscos de acidentes, como a recente mortandade de 6 mil toneladas no açude do Castanhão, são enormes.

Também foi possível observar em todos os clusters visitados que o mercado de tilápia segue com uma demanda bem maior do que a oferta. O Brasil importa uma grande quantidade de pescado, e praticamente toda produção de tilápias está sendo destinada ao mercado interno. O filé fresco de tilápia com qualidade para exportação tem sido comercializado nas grandes redes de

supermercados a preços que variam entre R\$24,00 e R\$39,00 o quilo, preço semelhante ao filé de salmão congelado. Enquanto o México for capaz de atravessar a fronteira dos Estados Unidos por terra e colocar filés no Texas e Arizona a US\$ 7.00/kg (R\$ 28,00/kg), vai ser muito difícil o Brasil competir no mercado internacional, mesmo com o dólar atualmente favorável.

Nos últimos 25 anos o consumo mundial *per capita* de pescados vem crescendo mais que o dobro com relação às demais proteínas animais. Este crescimento consistente nos mercados interno e externos (principalmente Estados Unidos e Japão), impulsionou a instalação de diversas unidades de processamento de tilápias nos últimos 20 anos, principalmente nas regiões Sul e Sudeste do Brasil. Porém, a baixa do dólar na

última década desencorajou os exportadores, situação que perdura até este momento. A recente alta do dólar criou uma momentânea euforia entre as grandes empresas brasileiras, algumas das quais retomaram estudos de exportações, mas aparentemente não houve nenhuma iniciativa de sucesso.

As taxas de crescimento mundial do cultivo e da comercialização da tilápia seguem as brasileiras, bem superiores às demais espécies aquícolas. A figura 6 mostra comparativamente o crescimento global das tilápias nas últimas décadas com salmões e catfishes.

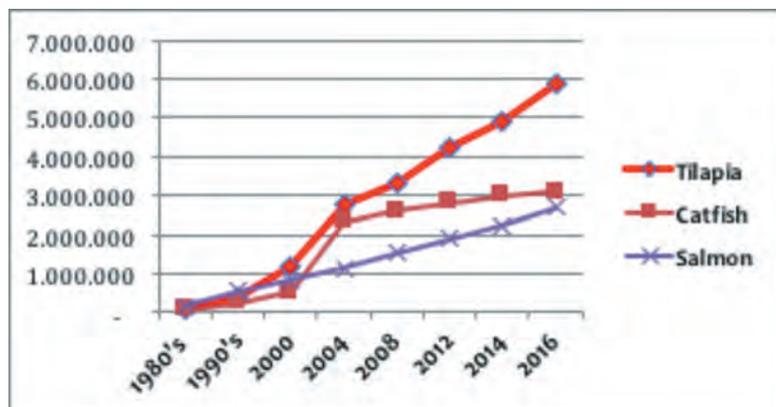


Figura 6. Crescimento global da produção de tilápia comparado com salmão e catfish, em toneladas/ano

Conclusões

Apesar dos cerca de 45 anos, a tilapicultura brasileira passou por duas fases bem distintas: a fase de desconhecimento geral, que durou duas décadas de crescimento lento, graças à demanda dos “pesque-pague”, e a fase de rápido desenvolvimento dos últimos 25 anos. Hoje, a atividade segue um modelo moderno muito semelhante ao da integração vertical avícola, e prova da eficiência deste sistema é que há mais de 25 anos é a espécie aquícola mais cultivada no Brasil.

A tilapicultura Brasileira nunca passou por períodos de crises de mercado, talvez por isso possa ainda melhorar muito na eficiência e sustentabilidade dos cultivos. A diminuição das vendas iniciais ao exterior foi prontamente anulada pelo constante aumento do consumo interno. Mudanças no estilo de vida da sociedade fizeram com que a indústria se adaptasse às novas necessidades e preferências dos consumidores em termos de preços e qualidade. Deste modo, novos mercados foram conquistados com a colocação de tilápias em diferentes tamanhos e apresentações.

Referências disponíveis na ABCC – abccam@abccam.com.br



AQUACULTURA INTELIGENTE





POTYGUABA
alimentador automático flutuante

SISTEMA PATENTEADO E EXCLUSIVO QUE PERMITE DISTRIBUIÇÃO UNIFORME, REDUZ A MÃO DE OBRA E DIMINUI O DESPERDÍCIO DE RAÇÃO.

CONDIÇÕES ESPECIAIS FENACAM



- Regulagem da quantidade de ração de simples e fácil ajuste.
- Pannel elétrico de proteção e controle programável para os horários e tempos dos ciclos de alimentação.
- Evita desperdícios, otimizando a conversão alimentar e taxa de crescimento.
- Distribuição uniforme da ração em toda a praça de alimentação (aprox. 60m de diâmetro).
- Projetado para operar tanto em baixas como em altas densidades, sendo que cada alimentador cobre uma área de aprox. 0,5ha.
- Design diferenciado para proporcionar excelente estabilidade, mesmo em condições de fortes ventos.

- O flutuador é moldado em uma só peça única de HDPE (polietileno de alta densidade) totalmente estanque e resistente à exposição do sol.
- Todas as ferragens e parafusos em aço inox 304.
- Manejo para o abastecimento de ração através de sistema de polias que possibilitam o arraste do alimentador do viveiro e retorna-o para a posição de trabalho sem nenhum esforço.
- Fácil manutenção.
- 100% nacional.
- Assistência técnica nacional.

www.beraqua.com.br

(47) 3334-0089 beraqua@beraqua.com.br

Camarão Cultivado do Brasil!!

“Exportar será o Próximo Passo, o que se deve conhecer”

Prof. Eng. Patricio Estrada MSc. ¹

pestrada@icexcomercio.com

A comercialização internacional do camarão é um aspecto de grande importância para os criadores sejam estes grandes, micro ou pequenos produtores. Apesar da evidência de que o grande mercado consumidor do camarão brasileiro é o doméstico, as exportações vêm se tornando cada vez mais, uma alternativa interessante para os produtores de camarão no Brasil. É assim que, a situação atual e a globalização fazem com que hoje os empresários passem a pensar de forma diferente com respeito ao comércio exterior. A tentação de todo homem de negócios na atualidade é vender e, sobretudo, ao exterior, isto é, exportar. A ninguém lhe resulta difícil argumentação, se a produção de camarão progride no Brasil, ou se o mercado interno se contraiu ou foi insuficiente para absorver a produção brasileira, devemos começar a pensar seriamente nos clientes além de nossas fronteiras.

Para tentar o ingresso em mercados do exterior, conhecidos como mercados exigentes, sobretudo de alimentos de alta qualidade, onde se apresentam múltiplos competidores procedentes, às vezes, de remotos lugares e que oferecem preços muito atraentes, o exportador brasileiro deverá se assegurar de que seu produto e sua empresa cumprem com as seguintes características:

Primeiro: uma qualidade de camarão diferente, se possível excepcional, que inclusive supere as expectativas dos possíveis clientes. **Segundo:** uma qualidade do camarão tal que cumpra com todos os requisitos das normas técnicas aplicáveis do país de destino e, ademais, com todos os códigos, regulamentos e disposições sanitárias ou de comércio, incluindo as que se referem à sua apresentação e embalagem. **Terceiro:** uma capacidade de produção flexível, adequada e suficiente para adaptar-se, em forma rápida e econômica, às flutuações da demanda, levando-se em consideração que, em geral, os volumes de produção de camarão requeridos pelos mercados importadores são grandes e superam amplamente a demanda local, sendo precisamente esta uma das grandes vantagens dos mercados externos.

Nestes próximos dias 16 à 19 de Novembro de 2015,

teremos a Feira Nacional do Camarão – **FENACAM’15** em Fortaleza (CE), o programa estabelecido de palestras indica que aí serão tratados vários temas muito interessantes como: os efeitos das mudanças climáticas, avaliação da indústria da aquicultura, seu crescimento e desafios, formulação de rações e estratégias para alimentação do camarão, a qualidade dos ingredientes e as rações para camarão, todos os temas relacionados com doenças, melhoramento genético ou estímulo imunológico em camarões, como conter uma ameaça global, fabricação de rações para camarão em pequenas unidades fabris, sistemas de produção intensiva com vistas ao melhoramento dos resultados produtivos e a carcinicultura, envolvendo a realidade mundial e os desafios confrontados por este setor no Brasil.

Vamos contar com palestrantes muito importantes da Alemanha, Bélgica, Brasil, Cingapura, Estados Unidos, Equador, Espanha, França, Guatemala, México, Noruega e Tailândia, cujos temas serão dirigidos à produção dentro de um programa que prioriza o cultivo do camarão destinado à satisfação do consumidor final.

Então, depois de ter uma primeira etapa, que é a mudança e melhora na produção de camarão, com os programas de biossegurança, gestão de qualidade, boas práticas de manejo na produção dos camarões, associados às invejáveis condições naturais, um clima altamente favorável, e as possibilidades de desenvolver a sua exploração, do mar ao interior, amparado por grandes laboratórios, fábricas de rações e indústrias de processamento, etc. O segundo passo, será não somente cultivar o camarão, mas sim criar uma cultura de “exportação do camarão” para fazer do Brasil um dos grandes exportadores de camarão da América Latina, galardão até agora tão somente conquistado pelo Equador, que no ano 2014 vendeu ao exterior 299 mil toneladas de camarão cultivado, com uma receita total de US\$ 2,5 bilhões, segundo cifras estabelecidas pelo Banco Central do Equador (BCE). Uma das dificuldades para a exportação e não a menor, consiste no pouco ou nenhum conhecimento verdadeiro que se dispõe, sobre as características de qualidade que devem

reunir os produtos de exportação, as características dos mercados exteriores, os mecanismos e procedimentos de exportação, seus trâmites, as circunstâncias e seguridades de pagamento, etc. Para preencher esses vazios de conhecimentos e de experiência, temos condensado neste artigo, e naturalmente em futuros artigos que publicaremos nesta revista, aquela informação básica, de caráter prático que as empresas precisam conhecer, incluindo pessoas dedicadas ao cultivo de camarão e que desejam iniciar atividades de exportação.

Conhecimento e seleção dos mercados importadores de camarão: Para iniciar o processo de exportação, os cultivadores de camarão devem conhecer cinco passos importantes:

Primeiro: ao decidir exportar, a primeira coisa que todo produtor de camarão deve fazer, é confirmar que sua empresa dispõe por si mesma, ou mediante terceirização, das capacidades logísticas necessárias para localizar com oportunidade e sem detrimento da qualidade, as quantidades de produtos que demandam os mercados exteriores. Devemos garantir um fornecimento estável de acordo com a demanda do camarão, com a qualidade requerida para manter seus mercados do exterior abastecidos, sem problemas para o comprador. Estar com capacidade de garantir a qualidade do camarão de exportação mediante os mecanismos e as autoridades legalmente estabelecidas, tanto no Brasil como no país de destino. Dispor dos meios e sistemas de embalagem para que a empresa possa garantir a qualidade do produto, sua inviolabilidade e, ademais, devem cumprir com as regulamentações específicas vigentes no país de destino. Nossa empresa pode garantir um adequado serviço ao consumidor do país de destino, seja diretamente ou por intermediários confiáveis e finalmente devemos saber sim se os meios de transporte que se requerem utilizar, dão a confiabilidade requerida para garantir a qualidade, a inviolabilidade e a oportunidade de entrega do camarão, a custos razoáveis, aprovados pelo comprador.

Segundo: fazer uma pesquisa de mercado, por exemplo; quais países compram camarão? Temos muitos países que compram grandes quantidades como: Estados Unidos, Japão, Espanha, Alemanha, Bélgica, França, Itália, China, Vietnã, Rússia, Tailândia, Países Baixos, América Latina: México, Guatemala, Costa Rica, Honduras, Bolívia, Colômbia, Chile, Argentina, Uruguai, etc.

Terceiro: conhecer como funciona o sistema de

comercio internacional do camarão e as dificuldades de acesso aos mercados, por exemplo: um ou outro tipo de restrição, desde a imposição de barreiras alfandegarias, tarifas, taxas e cotas, bloqueios, controles cambiais, as barreiras não-tarifárias e as barreiras comerciais.

Quarto: conhecer as condições de venda, para isso, devemos utilizar os termos internacionais do comercio Incoterms 2010. Estes termos definem as condições e as responsabilidades entre o exportador do camarão e seu importador. Estas fixam, direitos e obrigações e indicam quando começa o risco e quando termina o mesmo. Nossos compradores podem uns querer acertar o negocio usando EXW a partir do local de produção, outro pode pedir FOB, livre bordo, outro talvez CFR ou CIF ou simplesmente nosso o importador de camarão pode pedir um orçamento DAT ou DAP. A importância destes termos é que estabelecem com precisão o preço e as obrigações de ambas partes, e uma operação usando os Incoterms 2010 reduz a possibilidade de interpretações errôneas e prejuízos entre compradores e vendedores.

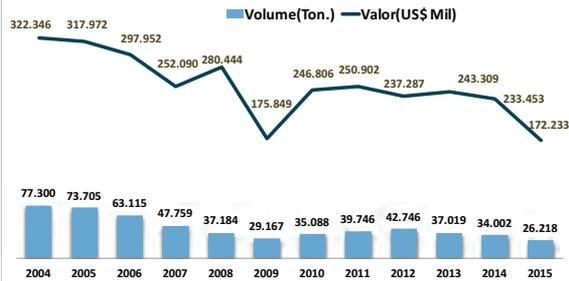
Quinto e último passo: conhecer como cobrar pela exportação: uma vez que os criadores de camarão tomaram a decisão de exportar, fizeram uma pesquisa de mercado, conhecem como funciona o sistema de comercio internacional do camarão, as dificuldades de acesso ao mercado e já conhecem as condições de venda, os termos internacionais do comercio Incoterms 2010. O próximo passo é conhecer como cobrar pela exportação, porque saber exportar é fantástico, mas muito mais fantástico é saber cobrar pela exportação. Existem muitas formas de cobrar pela exportação, pode ser mediante pagamento antecipado, sem dúvida a melhor solução para o exportador, pagamento à vista, contra documentos, pagamento a prazo, como também podemos usar a remessa sem saque, a cobrança do exterior ou vários tipos de cartas de crédito e o seguro de crédito à exportação.

No próximo artigo indicaremos como funciona a legislação brasileira para exportação, as autorizações para exportação do SISCOMEX, e com eles a Receita Federal do Brasil (RFB), Secretaria de Comércio Exterior SECEX e o Banco Central do Brasil BACEN. E as formas de exportação como: exportação direta, indireta, concertada, compensada e finalmente a exportação produtiva.

(1) Universidade de São Paulo (Doutorando na FEA, Marketing/Presidente da ICEXCOMERCIO S. A.



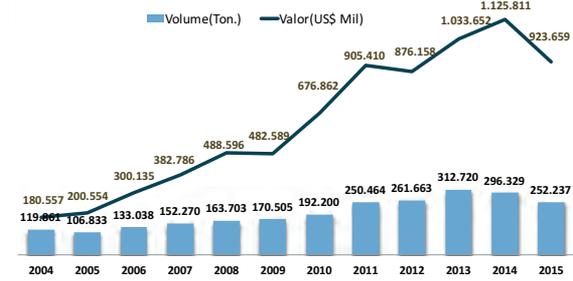
**DESEMPENHO DAS EXPORTAÇÕES DE PESCADO DO BRASIL:
VOLUME E VALOR EM JAN - SET 2004 - 2015**



Fonte: Aliceweb, Outubro, 2015



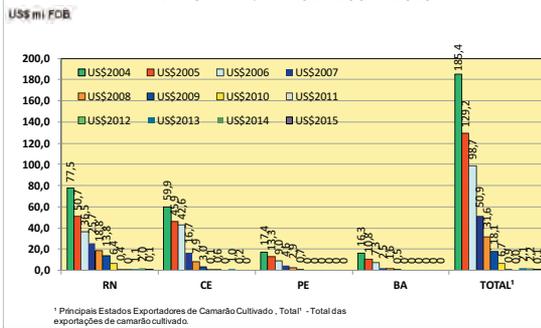
**DESEMPENHO DAS IMPORTAÇÕES DE PESCADO DO BRASIL:
VOLUME E VALOR EM JAN - SET 2004 - 2015**



Fonte: Aliceweb, Outubro, 2015



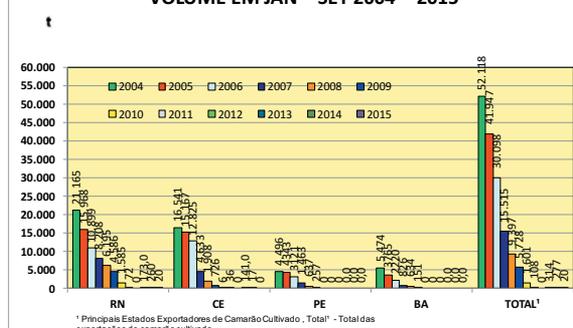
**DESEMPENHO DAS EXPORTAÇÕES DE CAMARÃO CULTIVADO:
VALOR EM JAN - SET 2004 - 2015**



Fonte: Aliceweb, Outubro, 2015



**DESEMPENHO DAS EXPORTAÇÕES DE CAMARÃO CULTIVADO:
VOLUME EM JAN - SET 2004 - 2015**



Fonte: Aliceweb, Outubro, 2015



**BRASIL - IMPORTAÇÕES DE PESCADO POR PAÍS DE ORIGEM
EM VOLUME 2013 - 2015 (JAN - SET)**

PAÍS	HISTÓRICO DAS IMPORTAÇÕES DE PESCADOS POR ORIGEM EM VOLUME 2013-2015							
	Ton 15	Part %	Cresc 15/14	Ton 14	Part %	cresc 14/13	Ton 13	Part %
Chile	69.202	27,44%	6,08%	65.234	22,01%	12,50%	57.984	18,54%
China	56.820	22,53%	8,07%	52.575	17,74%	-26,45%	71.479	22,86%
Vietnã	28.642	11,35%	-41,92%	49.311	16,64%	24,44%	39.627	12,67%
Argentina	22.705	9,00%	-18,79%	27.960	9,44%	1,14%	27.646	8,84%
Noruega	14.510	5,75%	-22,69%	18.769	6,33%	2,32%	18.343	5,87%
Equador	10.332	4,10%	8,11%	9.557	3,23%	33,38%	7.166	2,29%
Omã	8.930	3,54%	91,37%	4.666	1,57%	-62,40%	12.409	3,97%
Portugal	7.550	2,99%	-28,26%	10.523	3,55%	4,70%	10.051	3,21%
Tailândia	6.604	2,62%	-1,92%	6.734	2,27%	-41,24%	11.460	3,66%
Peru	5.031	1,99%	-28,42%	7.029	2,37%	11,06%	6.329	2,02%
Marrocos	4.870	1,93%	-73,98%	18.716	6,32%	-27,88%	25.952	8,30%
Uruguai	4.761	1,89%	-37,23%	7.585	2,56%	-24,15%	9.999	3,20%
Taiwan (Formosa)	4.080	1,62%	-44,30%	7.325	2,47%	3,67%	7.066	2,26%
SUB-TOTAL	244.038	96,75%	-14,67%	285.983	96,51%	-6,39%	305.510	97,69%
OUTROS	8.199	3,25%	-20,75%	10.346	3,49%	43,50%	7.210	2,31%
TOTAL	252.237	100,00%	-14,88%	296.329	100,0%	-5,24%	312.720	100%

Fonte: Aliceweb, Outubro, 2015

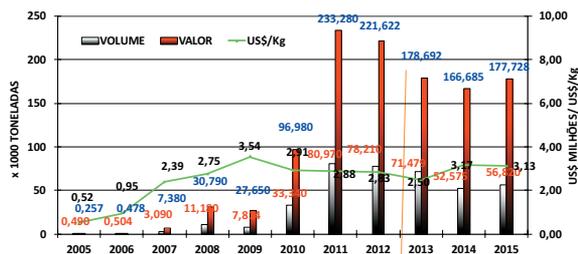


**BRASIL - IMPORTAÇÕES DE PESCADO POR PAÍS DE ORIGEM
EM VALOR 2013 - 2015 (JAN - SET)**

PAÍS	HISTÓRICO DAS IMPORTAÇÕES DE PESCADOS POR ORIGEM EM VALOR 2013-2015							
	US\$ 15	Part %	Cresc 15/14	US\$ 14	Part %	cresc 14/13	US\$ 13	Part %
Chile	360.41	39,02%	-14,79%	422.95	37,57%	23,55%	342.34	33,12%
China	177.73	19,24%	6,63%	166.69	14,81%	-6,72%	178.69	17,29%
Noruega	91.34	9,89%	-14,69%	107.07	9,51%	0,48%	106.56	10,31%
Argentina	71.92	7,79%	-15,12%	84.73	7,53%	1,72%	83.29	8,06%
Vietnã	54.15	5,86%	-45,29%	98.98	8,79%	24,76%	79.34	7,68%
Portugal	51.57	5,58%	-27,28%	70.91	6,30%	3,78%	68.33	6,61%
Equador	29.85	3,23%	-20,07%	37.34	3,32%	32,62%	28.16	2,72%
Tailândia	18.18	1,97%	-2,86%	18.71	1,66%	-37,15%	29.77	2,88%
Peru	12.19	1,32%	-33,76%	18.41	1,64%	0,57%	18.30	1,77%
Uruguai	11.72	1,27%	-41,35%	19.98	1,77%	-16,70%	23.98	2,32%
Taiwan (Formosa)	10.59	1,15%	-44,52%	19.09	1,70%	34,62%	14.18	1,37%
Marrocos	4.38	0,47%	-79,57%	21.45	1,91%	-22,17%	27.56	2,67%
Omã	5.63	0,61%	90,80%	2.95	0,26%	-62,30%	7.83	0,76%
SUB-TOTAL	899,65	97,40%	-17,41%	1.089,25	96,76%	8,03%	1.008,33	97,55%
OUTROS	24,01	2,60%	-34,17%	36,48	3,24%	44,02%	25,33	2,45%
TOTAL	923,66	100,00%	-17,95%	1.125,73	100%	8,91%	1.033,65	100%

Fonte: Aliceweb, Outubro, 2015

BRASIL - EVOLUÇÃO DAS IMPORTAÇÕES DE PESCADO DA CHINA 2005 – 2012 e 2013 – 2015 (JAN - SET)



Fonte : Aliceweb, Outubro, 2015

BRASIL - EVOLUÇÃO DAS IMPORTAÇÕES DE PESCADO DA CHINA POR PRODUTO EM JAN - SET 2013 – 2015

PRODUTOS	2013			2014			2015		
	VOLUME	US\$ (milhões)	US\$/kg	VOLUME	US\$ (milhões)	US\$/kg	VOLUME	US\$ (milhões)	US\$/kg
FILE DE MERLUZIA DO ALCAN (PHEMARA CHALCOZOMAR, CONGELADO)	27.615,71	62,72	2,27	24.262,05	40,91	1,69	16.960,27	19,98	1,18
OUTROS FILES SALGADOS NÃO TÁCTIC, NÃO DESMAGRIS DA MERLUZIA	6.302,14	29,84	4,73	6.802,16	34,87	5,11	14.580,96	22,89	1,59
FILE DE SALMÃO DO PACÍFICO, DO OCEANO DO ATLÂNTICO, CONGELADO	4.296,33	25,89	6,04	5.845,56	38,48	6,58	9.018,40	4,50	0,52
URUBO (GAMMARUS SPP., LEVUS SPP., NOTODIPLOPS SPP., MANTODIPLOPS SPP.) (CONGELADOS)	1.373,67	7,50	5,43	2.089,34	6,61	3,16	2.381,21	8,71	3,67
OUTROS FILES CONGELADOS, DE PEIXES	2.937,61	5,96	2,03	1.499,22	4,71	3,14	2.028,25	4,50	2,23
PEIXES DE PEIXES CONGELADOS	2.468,89	1,19	0,48	1.612,57	1,89	1,17	2.765,89	1,48	0,53
FILE DE BACALHAO DO ATLÂNTICO, DA GROENLÂNDIA E DO PACÍFICO, CONGELADO	2.342,73	10,47	4,47	1.005,41	1,79	1,79	1.425,93	5,83	4,09
PEIXES DE MERLUZIAS E CARPÂNTOS, CONGELADOS	1.734,44	4,36	2,51	322,44	1,86	5,73	307,99	0,61	1,02
BACALHAO DO NOROCCIDENTAL, DO OCEANO DO ATLÂNTICO, CONGELADO	1.202,02	8,24	6,85	398,68	1,94	4,87	287,25	1,41	4,86
FILE DE BACALHAO, NOROCCIDENTAL, DO OCEANO DO ATLÂNTICO, CONGELADO	1.015,52	6,85	6,74	1.120,61	6,87	6,12	1.222,88	11,63	9,58
OUTROS	3.063,24	11,64	3,82	4.738,79	19,39	4,05	4.637,73	19,36	4,17
TOTAL CAPITULO 3	35.897	175,26	4,84	31.894	185,22	5,81	78.852	278,57	3,56
CONSERVAS**	885	3,97	4,49	3,40	3,40	2,28	3,47	3,17	2,31
TOTAL	36.782	179,23	4,84	32.237	188,62	5,81	79.321	281,74	3,56

Conservas** - Capítulo 16

Fonte : Aliceweb, Outubro, 2015

BRASIL - EVOLUÇÃO DAS IMPORTAÇÕES DE PESCADO DA ARGENTINA POR PRODUTO EM JAN - SET 2013 – 2015

PRODUTOS	2013			2014			2015		
	VOLUME	US\$ (milhões)	US\$/kg	VOLUME	US\$ (milhões)	US\$/kg	VOLUME	US\$ (milhões)	US\$/kg
FILES DE MERLUZIAS E CARPÂNTOS, CONGELADOS	15.677,28	51,64	3,29	20.821,97	69,48	3,30	18.262,75	57,15	3,13
OUTROS FILES CONGELADOS, DE PEIXES	1.491,81	9,91	6,65	1.740,64	19,41	11,15	1.902,82	11,07	5,81
URUBO (GAMMARUS SPP., LEVUS SPP., NOTODIPLOPS SPP., MANTODIPLOPS SPP.) (CONGELADOS)	1.136,06	1,75	1,47	807,34	0,85	1,06	787,55	0,98	1,26
MERLUZIAS APERTURADAS, MERLUZIAS, BACALHAO, CONGELADO	1.059,69	3,80	3,58	820,09	1,98	2,42	1.153,41	2,31	2,00
FILES DE MERLUZIAS DO PACÍFICO, DO OCEANO DO ATLÂNTICO, CONGELADO	940,23	0,88	0,94	599,26	0,80	0,84	891,19	1,38	1,54
URUBO (GAMMARUS SPP., LEVUS SPP., NOTODIPLOPS SPP., MANTODIPLOPS SPP.) (CONGELADOS)	485,46	1,00	2,07	72,30	0,14	0,19	135,60	0,17	0,13
OUTROS FILES DE MERLUZIAS E CARPÂNTOS, CONGELADOS, SECOS	414,71	0,51	1,23	656,68	1,14	1,73	729,64	1,13	1,53
OUTROS FILES DE PEIXES CONGELADOS	397,16	1,16	2,92	452,51	1,41	3,12	746,56	2,43	3,26
OUTROS PEIXES CONGELADOS, EXCETO FILES E OUTROS CARPÂNTOS, ETC.	380,31	0,79	2,05	680,23	1,27	1,84	437,13	0,95	2,17
FILES DE MERLUZIAS DO PACÍFICO, DO OCEANO DO ATLÂNTICO, CONGELADO	132,38	0,27	2,05	92,60	0,10	1,14	125,04	0,21	1,66
OUTROS	369,02	0,63	1,70	1.103,61	1,73	1,56	1.227,95	4,00	3,26
TOTAL CAPITULO 3	22.485	70,67	3,15	27.688	85,22	3,08	27.367	81,89	2,99
CONSERVAS**	250	1,25	5,00	301	1,50	5,00	279	1,40	5,00
TOTAL	22.735	71,92	3,15	27.989	86,72	3,08	27.646	83,29	3,01

Conservas** - Capítulo 16

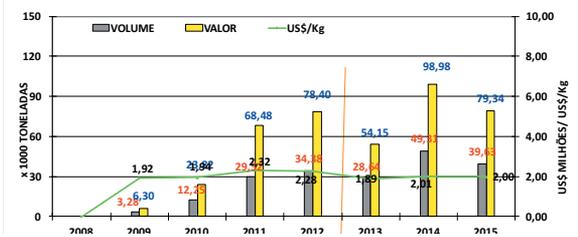
Fonte : Aliceweb, Outubro, 2015

BRASIL - EVOLUÇÃO DAS IMPORTAÇÕES DE PESCADO DO VIETNÃ POR PRODUTO EM JAN - SET 2013 – 2015

PRODUTOS	2013			2014			2015		
	VOLUME	US\$ (milhões)	US\$/kg	VOLUME	US\$ (milhões)	US\$/kg	VOLUME	US\$ (milhões)	US\$/kg
OUTROS FILES DE PEIXES, CONGELADOS	20.179,23	38,26	1,90	11.037,35	61,27	5,56	14.654,23	32,62	2,23
OUTROS FILES CONGELADOS, DE PEIXES	7.921,59	14,69	1,85	15.978,89	32,04	2,04	17.719,21	35,63	2,01
PERCA DO NILO E CARPÂNTOS DE SEPRMENTE, CONGELADOS	236,65	0,40	1,69	414,50	0,82	1,94	151,00	0,30	1,99
FILE DE MERLUZIA DO ALCAN (PHEMARA CHALCOZOMAR, CONGELADO)	141,00	0,31	2,17	633,77	1,40	2,21	49,20	0,10	1,98
FILES DE MERLUZIAS DO PACÍFICO, DO OCEANO DO ATLÂNTICO, CONGELADO	56,00	0,11	2,04	54,77	0,11	2,00	0,00	0,00	0,00
OUTROS PEIXES CONGELADOS, EXCETO FILES, OUTROS CARPÂNTOS, ETC.	50,00	0,18	3,54	37,00	0,07	1,79	75,50	0,14	1,81
FILE DE BACALHAO (GADUS SPP., GADUS SPP.), CONGELADOS	34,00	0,04	1,18	18,00	0,04	2,22	0,00	0,00	0,00
OUTROS PEIXES CONGELADOS, EXCETO FILES E OUTROS CARPÂNTOS, ETC.	21,00	0,05	2,38	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
POLVOS (DOCTOPUS SPP.), CONGELADOS	9,00	0,07	7,78	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
OUTROS INVERTEBRADOS AC, EXCETO CRUSTÁCEOS E MOLUSCOS, COM, SECOS, ETC.	0,27	0,00	15,53	0,22	0,01	4,55	0,00	0,00	0,00
OUTROS	0,18	0,00	15,32	3.253,48	2,59	1,51	4.421,77	8,69	2,01
TOTAL CAPITULO 3	28.642	54,15	1,89	49.311	98,98	2,01	38.888	77,88	2,00
CONSERVAS**	0,21	0,00	0,00	73,14	0,14	0,19	739,00	1,46	2,00
TOTAL	28.642	54,15	1,89	49.311	98,98	2,01	39.627	79,34	2,00

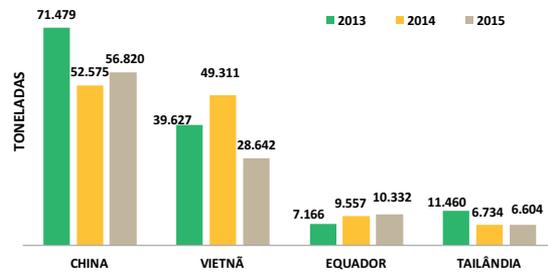
Fonte : Aliceweb, Outubro, 2015

BRASIL - EVOLUÇÃO DAS IMPORTAÇÕES DE PESCADO DO VIETNÃ 2008 – 2012 e 2013 – 2015 (JAN - SET)



Fonte : Aliceweb, Outubro, 2015

BRASIL: EVOLUÇÃO DAS IMPORTAÇÕES DE PESCADO DA CHINA, VIETNÃ, EQUADOR, E TAILÂNDIA 2013 - 2015 JAN - SET



Fonte : Aliceweb, Outubro, 2015